

# As formas de tratamento de Dom Quixote a Sancho Pança no *Quijote*: cortesia, distância comunicativa e retomada de valores cavaleirescos

*The Forms of Address from Don Quijote to Sancho Panza in Quijote: politeness, communicative distance, and the restoration of knightly values*

**Camila Rodrigues Albuquerque**

Universidade Federal de Santa Catarina  
(UFSC) | Florianópolis | SC | BR  
camila.rodri.albuquerque@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0002-0911-623X>

**Resumo:** Ao ler Cervantes, observamos sua destreza em criar diálogos que se adaptam às variedades linguísticas características das diferentes esferas sociais representadas por seus personagens. O autor do *Quijote*, tão interessado pela linguagem de seu tempo, se preocupa, ao construir as interações de seus personagens, em adequar as formas de tratamento às várias dinâmicas conversacionais vigentes. Cervantes está entre os autores mais acionados para o estudo dos tratamentos no espanhol áureo. Tendo em conta o elevado número de estudos sobre o fenômeno que analisaram o *Quijote*, o presente trabalho busca investigar os motivos que levam Dom Quixote a substituir o *tuteo* habitual para se dirigir a Sancho Pança por modalidades *voseantes* em situações verificadas na primeira e segunda parte do *Quijote*, nos capítulos X-I; XX-I e XXX-I e XXVIII-II e LXIII-II. A partir de uma análise qualitativa dos dados, extraídos da edição crítica do *Quijote* do Instituto Cervantes (1997-2025), foi possível ter uma amostra da influência que as situações comunicativas podem desempenhar sobre o uso das formas de tratamento. Com o presente estudo, verificou-se, nos capítulos XX-I, XXX-I e XXVIII-II, que o *voseo* é utilizado pelo cavaleiro com função “extra-estamental”, para marcar a posição social inferior de Sancho. Nos capítulos X-I e LXIII-II, por outro lado, o *vos* assume a função “intra-estamental”, característica do século XVI, uma vez que parece indicar cortesia e proximidade de Dom Quixote com seu escudeiro.

**Palavras-chave:** formas de tratamento; *Quijote*; *voseo*; cortesia; distância comunicativa.



**Abstract:** When reading Cervantes, we observe his skill in creating dialogues that adapt to the linguistic varieties characteristic of the different social spheres represented by his characters. The author of *Quijote*, who was so interested in the language of his time, takes care, when constructing his characters' interactions, to adapt forms of address to the various conversational dynamics in use. Cervantes is among the authors most frequently cited in studies of forms of address in classical Spanish. Given the large number of studies on the phenomenon that have analyzed *Quijote*, this paper aims to investigate the reasons that lead Don Quixote to replace the usual *tuteo* to address Sancho Panza with *voseantes* modalities in situations verified in the first and second parts of *Quijote*, in chapters X-I; XX-I and XXX-I and XXVIII-II and LXIII-II. Based on a qualitative analysis of data extracted from the critical edition of *Quijote* by the Cervantes Institute (1997-2025), it was possible to obtain a sample of the influence that communicative situations can have on the use of forms of address. In this study, chapters XX-I, XXX-I, and XXVIII-II show that the knight uses *voseo* in an “extra-estamental” function to mark Sancho's lower social position. In chapters X-I and LXIII-II, on the other hand, *vos* assumes the “intra-estamental” function, characteristic of the sixteenth century, since it seems to indicate politeness and closeness between Don Quixote and his squire.

**Keywords:** forms of address; *Quijote*; *voseo*; politeness; communicative distance.

## 1 Introdução

As formas de tratamento da língua espanhola sofreram grandes mudanças ainda na península ibérica, nos séculos XVI e XVII, período conhecido por Século de Ouro espanhol (King, 2010a). Essas mudanças vêm sendo documentadas por linguistas em textos do passado que carreguem marcas da oralidade, como obras literárias da época. Cervantes está entre os autores mais acionados para o estudo dos tratamentos no espanhol áureo. Um dos primeiros estudos sobre o fenômeno na Idade do Ouro foi o trabalho de St. Clair Sloan (1922), que usou como base o *Quijote*. A pesquisa do autor, que descreve cuidadosamente as formas de tratamento documentadas na novela, se destaca, segundo Bertolotti e Coll (2005, p. 36), por contrastar o uso dos tratamentos na obra com declarações de gramáticos sobre a aplicação do fenômeno na primeira metade do século XVII. St. Clair Sloan (1922) mostrou que o uso nem sempre corresponde às prescrições gramaticais sobre os tratamentos. Os apontamentos do autor motivaram uma série de pesquisas sobre as formas de tratamento no *Quijote*. Entre os estudos que utilizam a novela cervantina para analisar os tratamentos podemos destacar os trabalhos de Rosenblat (1978), Maldonado (1999), García Gallarín (2002), Bertolotti e Coll (2005) e Cash (2008).

O interesse em Cervantes está atrelado às características de sua escrita, que traz diálogos adaptados às variedades linguísticas características das diferentes esferas sociais representadas por seus personagens (Lapesa, 1981). A sensibilidade com a qual o dramaturgo usa questões linguísticas para caracterizar seus personagens tem fascinado estudiosos. Lapesa (1981), destaca que o autor do *Quijote* foi um dos principais escritores a demonstrar interesse pela linguagem de seu tempo ao ambientar suas histórias. A doutrina estilística de dramaturgos como Cervantes costuma valorizar, por excelência, a busca por uma escrita que expresse a naturalidade e fluidez da fala (Lapesa, 1981). Essa particularidade aparece refletida na literatura do Século de Ouro, que valoriza produções com marcas de oralidade, como o teatro. A dinamicidade dos diálogos cervantinos, tão apreciada por quem adentra suas obras, transporta os leitores para o texto e para a própria interação entre os personagens, conforme aponta Cash (2008). Os diálogos cervantinos são valorizados por possibilitarem, a traves das formas de tratamento, revelar aspectos da relação entre os interlocutores e transmitir humor, especialmente quando os tratamentos mudam ao longo da interação (Cash, 2008).

Ao longo dos anos, muitos estudiosos vêm se dedicando a explicar os motivos que levam Dom Quixote a substituir o *tuteo* habitual para se dirigir a Sancho Pança por modalidades *voseantes* em algumas ocasiões da obra. No presente trabalho, buscamos analisar este uso do *voseo* em alguns desses casos, presentes nos dois volumes da obra Cervantina. São analisadas três ocorrências do *voseo* “extra-estamental”, usado para realçar assimetrias (Páez, 1981), extraídas dos capítulos XX, XXX, da primeira parte do *Quijote*, e do capítulo XXVIII, do segundo volume, bem como dois casos do *voseo* “intra-estamental”, empregado para aproximar interlocutores (Páez, 1981), nos capítulos X e LXIII, da primeira e segunda parte do livro. Com esse estudo, buscamos discutir o status polissêmico e multifacetado que o *vos* adquire no Século de Ouro.

## 2 Formas de tratamento no Século de Ouro

O período que compreende os séculos XVI e XVII foi de extrema importância para a história do mundo hispânico. Ao longo desses dois séculos, mudanças sociais moldaram a língua espanhola, do centro-norte da Península Ibérica até a América, passando pela Andaluzia ocidental (eixo Sevilha-Cádiz) e as Ilhas Canárias. Nessa época, conhecida por experienciar o começo e o apogeu imperial e artístico da coroa espanhola, grandes artistas ganham destaque. Surgem pintores de renome como Velázquez e El Greco e escritores proeminentes como Cervantes, Lope de Vega e Francisco de Quevedo. As contribuições desta era dourada, de fundamental importância para o cenário cultural hispano, fez com que ficasse conhecida como o Século de Ouro espanhol. Este período histórico, também vale mencionar, serviu de palco para grandes mudanças na sociedade espanhola e, conseqüentemente, na língua hispânica. No século XVI reinam Carlos V e Felipe II, época em que a coroa espanhola atinge sua maior expansão, mas também se aproxima de seu declínio, nas palavras de Cisneros Estupiñán (1996, p. 34).

O final do século XVI e o começo do século XVII, época em que Cervantes escreve o *Quijote*, foi um período marcado por mudanças significativas nos paradigmas de tratamento hispânicos. As sociedades que se formavam nesses anos áureos promoveram uma infinidade de formas de tratamentos que terminaram por influenciar os paradigmas atuais do espanhol (King, 2010a; Bygren, 2014 Pérez-Salazar, 2018). As mudanças no sistema de tratamento

espanhol, segundo Medina Morales (2002), sofreram a influência das classes sociais privilegiadas, que se expandiram com as grandes navegações. Os espanhóis que foram viver nas colônias americanas regressam à Península Ibérica ostentando grande poder econômico e promovem modificações no sistema de tratamento espanhol (Medina Morales, 2002). Esses indivíduos que com maior poder aquisitivo se inserem na já estabelecida sociedade peninsular, promovem a expansão do uso de tratos respeitosos, que rivalizassem com o dos fidalgos ou baixa nobreza que nunca saíram da península (Medina Morales, 2002). Cisneros Estupiñán (1996, p. 34) destaca que a complexidade do sistema de tratamento da Idade do Ouro se deve, em grande parte, as desigualdades sociais da época e a presença constante de classes sociais orgulhosas, que disputavam influência no cenário linguístico espanhol. Essas particularidades fizeram o sistema binário característico da sociedade rigidamente hierárquica da Idade Média (*tú – vos*) dar lugar ao sistema tripartido característico do Século do Ouro (*tú – vos – vuestra merced*), que conduz, respectivamente, da informalidade à máxima reverência (Biderman, 1972-1973).

A língua espanhola, como membro das línguas românicas, deriva do latim antigo falado pelos cidadãos do Império Romano (Lapesa, 2000; King, 2010b, p. 232). O sistema de tratamento pronominal latino clássico se organizava em dois eixos, com uma distinção simples de número: o paradigma do pronome *tu* era usado invariavelmente para a referência singular menos formal, enquanto o paradigma do pronome *vos* era empregado para a referência universal a mais de um interlocutor, isto é, tratamento plural (King, 2010b, p. 232). Nos últimos séculos do Império, no período abarcado pelo latim tardio, esse sistema de tratamento ganha novas camadas, com a aderência do pronome *vos* ao trato singular formal, para se dirigir a indivíduos aos quais se desejava mostrar deferência (King, 2010b, p. 232-233; Faraco, 2017, p. 116). Existem várias teorias que explicam a expansão dos usos do *vos* no Império Romano. O avanço desse pronome para o singular teve suas raízes no comportamento dos imperadores romanos. Hall (1983, p. 198) salienta que os líderes do império começaram a se referir a si mesmos usando o pronome pessoal da primeira pessoa do plural *nos* (um dos primeiros casos do conhecido *royal 'we'*). Como resposta a esse hábito imperial, nobres e súditos se acostumaram a se dirigir ao imperador usando *vos* na segunda pessoa do plural. Brown e Gilman (2003 [1960], p. 254), no entanto, pontuam que, no século IV, a divisão política do Império Romano nos domínios ocidental e oriental culminou no uso do *vos* como forma plural para fazer referência ao imperador. Segundo os autores, a existência de dois imperadores governando simultaneamente fez com que os romanos adotassem o *vos* para se dirigir a um imperador para, implicitamente, abarcar ambos os imperadores. Essa prática, posteriormente, se estenderia a outras figuras do poder.

O sistema de tratamento do espanhol seguiu o caminho trilhado pelo latim tardio. Nesse sentido, a forma pronominal *tú*, derivada do sistema latino tardio, assume, desde sua origem, traços menos formais e uma aderência a semântica solidária. Em função dessas características, Brown e Gilman (2003 [1960], p. 254) conferiram às formas T (do *tu* latino), como o *tú* hispano, a noção de solidariedade. Essa forma era usada com frequência, no Século de Ouro espanhol, em diálogos entre familiares e pessoas que compartilham intimidade (King, 2010a). O pronome *tú* também ganha destaque em interações assimétricas, nas quais dialogam com pessoas de extratos sociais hierarquicamente distintos, uma vez que contém traços menos cortesês. No espanhol antigo, a título de exemplo, existem registros de ocorrências do pronome em contextos hierárquicos, como quando um nobre cristão se dirige a

um mouro, a um jovem ou alguém considerado inferior com esta forma e receberia em troca o *vos* (King, 2010a, p. 534). O pronome *vos*, no espanhol, surge inicialmente como forma cortês, seguindo a semântica de sua forma homônima do paradigma de tratamento latino tardio. No espanhol medieval, o uso reverencial do *vos* se perpetuou, conforme destaca King (2010a). Em virtude de sua origem, nas entranhas da nobreza romana, Brown e Gilman (2003 [1960]) atribuem simbolicamente às formas *V* (do *vos* latino), como o *vos* hispano medieval, a noção de formalidade, característica da dimensão do poder. A semântica de respeito atrelada ao *vos*, no entanto, começa a perder espaço na Espanha do século XVII e passa a denotar apenas inferioridade e intimidade, na medida em que os privilégios se estendem para mais pessoas (Biderman, 1972-1973). Ao final do século XVI e princípios do século XVII, de acordo com Cash (2008), o *vos* se tornou a forma mais polissêmica e multifacetada do período. Muitos críticos, linguistas e gramáticos, ao longo dos anos, tentaram classificar os usos dessa forma, conforme afirma Cash (2008). A perda do sentido respeitoso atrelado a essa forma fez com que muitas pessoas a repudiassem. Ambrosio de Salazar (1615), autor de *Espejo general de Gramática en diálogos*, aponta, segundo resgata Cash (2008), que o *vos* era usado no trato com pessoas de status inferior. Desta forma, quando alguém fala ou trata alguém de *vos* caracteriza uma grande afronta. Sebastián de Covarrubias (1611) afirma, em seu *Tesoro de la lengua castellana*, que essa forma nem sempre é bem recebida, por ser em latim termo honesto e comum a todos. Em consonância com os teóricos mencionados, Gonzalo Correas (1626), na obra *Arte grande de la lengua castellana*, afirma, segundo Cash (2008, p. 226), que:

“De *vos* tratamos os criados, aos rapazes grandes, aos fazendeiros e similares; e entre amigos, quando não há gravidade ou conformidade, trata-se de *vos*. E mesmo quando argumentamos diante dos reis, e nos dirigimos a eles, usamos o *vos* com o devido respeito e uso antigo” (tradução própria)

A polissemia da forma *vos* é reforçada por Cejador (1906) em sua publicação *La lengua de Cervantes*. O autor, recortado por Cash (2008) e King (2010a), pontua que “indicava *vos* inferioridade. Quando *vos* não era recíproco, era, portanto, humilhante, se não injurioso: entre aqueles que o usavam mutuamente, indicava igualdade”.

Com a derrocada do *vos*, a fórmula *vuestra merced*, surgida no século anterior como fórmula nominal, ganha espaço como principal indicativo de cerimônia e respeito (Biderman, 1972-1973). Essa forma era usada para realçar o valor do interlocutor e aparecia no discurso, no contexto do Século de Ouro, para se dirigir a “pessoas que respeitamos ou queremos honrar, como juízes, cavaleiros, eclesiásticos, senhoras ou pessoas com capas pretas, e é a melhor alternativa à senhoria” (Gonzalo Correas, 1626 *apud* Cash, 2008).

### 3 A amizade de *Don Quijote* e *Sancho*

Ao ler o *Quijote*, muito mais que nos entretermos com as aventuras do cavaleiro andante, somos convidados a acompanhar o desenvolvimento da amizade singular de seus protagonistas. Dom Quixote e Sancho, personagens tão distintos, cativam o leitor com seus diálogos divertidos que guiam a história de Cervantes. De certa forma, a essência da obra poderia ser interpretada como “a narração da história de uma grande amizade entre o cavaleiro e seu escudeiro, ponderada por vários ângulos segundo as vicissitudes de cada um” (Vieira, 2018, p. 21).

O autor sucessivamente convida-nos a olhar para a extraordinária natureza da dupla e dedica muitas páginas a interações que servem para destacá-la (Close, 2004). O diálogo que vai sendo construído entre Dom Quixote e Sancho, desde seu primeiro encontro, surpreende por contrastar os pensamentos e experiências de um escudeiro, rústico lavrador analfabeto, e um cavaleiro, extremamente letrado, que dedica boa parte de sua vida a ler livros, especialmente de cavalaria (Vieira, 2018). Cervantes inova, ao mudar o foco narrativo do evento para os personagens que experienciam a ação e são impactados por seus desdobramentos (Close, 2004). Ao desbravar as páginas da novela, testemunhamos as mudanças proporcionadas pelo convívio dos personagens. Sancho, no início do primeiro livro, não tem ideia das loucuras que Dom Quixote fabrica a partir dos livros de cavalaria. Ao ser introduzido ao intrépido cavaleiro, o lavrador se vê atraído pela possibilidade de ascender socialmente e assumir o governo de uma suposta ilha, prometida por seu senhor como pagamento por seus serviços em um futuro vitorioso na cavalaria andante. No decorrer dos capítulos, com o avanço das aventuras e a interação com os personagens que surgem na trama, o escudeiro vai se familiarizando com a inventividade de seu amo. A relação entre os protagonistas, desde o princípio, é fundamentada em suas diferenças de classe social. Nesse sentido, torna-se divertido acompanhar as discussões travadas entre um fidalgo, incorporado em cavaleiro andante, e um camponês, que, no papel de escudeiro, deve moldar as loucuras do amo à verossimilhança do mundo real. Conforme a história avança, vemos Sancho, que tem como barreira sua posição inferior na hierarquia social, encontrar maneiras de enganar seu amo, sem necessariamente, trazê-lo para a realidade (Vieira, 2018). As estratégias argumentativas que o escudeiro adota para manejar as situações vão, aos poucos, o empoderando.

Dom Quixote, desde o princípio, se preocupa em instruir Sancho sobre os fundamentos da cavalaria andante e ao papel a que deve desempenhar como escudeiro. Nesse sentido, existe a iniciativa, por parte do cavaleiro, de atualizar o companheiro de aventuras sobre os modos cortesês de agir, de pensar e de falar. Segundo Vieira (2018), vemos, em inúmeras situações ao longo da obra, o cavaleiro da triste figura repreender o uso desenfreado de provérbios de Sancho, quando estes desviam do assunto ou quando fazem perder o fio da narrativa. Esse interesse de Dom Quixote em educar seu escudeiro e evitar que cometa atos descorteses dialoga diretamente com o uso das formas de tratamento ao longo da obra. Na primeira e segunda parte do *Quijote*, são várias as ocasiões em que o protagonista, ao se dirigir a Sancho, troca o *tuteo* habitual pelo *voseo*, enquanto recebe o respeitoso *vuestra merced*. Veremos que, em algumas dessas ocasiões, o *vos* pode ser sinônimo de proximidade, assim como pode implicar distância entre os personagens. Neste trabalho iremos discutir as diferentes funções que essa mudança de tratamento pode significar para o contexto comunicativo.

#### 4 As formas de tratamento na interação Dom Quixote X Sancho Pança: o *voseo* de Dom Quixote a Sancho

Nos dois volumes do *Quijote* existem ocasiões nas quais o protagonista substitui o *tuteo* tradicional ao se dirigir a Sancho pelo *voseo*. Essas ocorrências vêm sendo debatidas por múltiplos teóricos (St. Clair Sloan, 1922; García Gallarín, 2002; Bertolotti e Coll, 2005 e Cash, 2008). No presente artigo, buscamos discutir alguns desses casos, que merecem ser constantemente

revisitados, por suas características singulares. Os dados referentes ao uso dos tratamentos foram extraídos da edição crítica do *Quijote* do Instituto Cervantes (1997-2025). Para este estudo, de metodologia qualitativa, foram selecionadas ocorrências do *voseo* “extra-estamental”, que compreende as relações assimétricas, e “intra-estamental”,<sup>1</sup> que diz respeito às relações entre pares (Páez, 1981). A forma *vos*, no século XVI, era usada nos dois domínios. Nas relações “intra-estamentais” esse tratamento era usado, nas palavras de Páez (1981), entre iguais tanto em situações formais quanto em informais. Por outro lado, em contextos “extra-estamentais” o *vos* assume o valor reverencial quando usado em interações entre um inferior e um superior e um significado de distanciamento quando empregado por um superior a um inferior. A dimensão “extra-estamental” perdura no século XVII, principalmente nas relações entre superiores e inferiores (Páez, 1981).

## 5 O *voseo* “extra-estamental”

Na sequência, veremos três ocorrências do *voseo* “extra-estamental”, extraídas dos capítulos XX, XXX, da primeira parte do *Quijote*, e do capítulo XXVIII, do segundo volume. Os dados expostos buscam realçar a posição hierárquica dos interlocutores.

### 5.1 A interação entre Dom Quixote e Sancho no Capítulo XX da primeira parte do *Quijote*: o caso dos *batanes*

No Capítulo XX da primeira parte do *Quijote* desenrola-se a clássica história dos *batanes*.<sup>2</sup> Nesse episódio, ambientado no interior de uma floresta, em plena madrugada, a escuridão, bem como um barulho de água que ecoava entre as árvores, convida Dom Quixote e Sancho a alimentar o medo pelo som incerto. As reações dos personagens ao barulho misterioso foram diversas. Enquanto o protagonista, tomado pelos ideais da cavalaria andante, mostrava-se disposto a enfrentar o medo, o escudeiro, amedrontado, fazia de tudo para impedir as desventuras de seu amo. O mistério em torno do som de água inusitado que vinha do interior da floresta se dissipa ao raiar do dia, com a luminosidade revelando aos personagens o movimento dos moinhos de água (*batanes* em espanhol) sob um rio. A descoberta desperta o riso em Sancho, que imita o discurso de seu amo na noite anterior, quando escutaram os barulhos pela primeira vez. Em resposta às brincadeiras do escudeiro, Dom Quixote, que até então *tuteava* com o companheiro, muda o tratamento ao repreender as atitudes do amigo. Em sequência, vemos o momento em que o cavaleiro andante se revolta e castiga Sancho.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Tradução própria de relações *intraestamentales* e *extraestamentales*, no texto de Páez (1981).

<sup>2</sup> Em espanhol, *batán* faz referência à uma espécie de máquina, geralmente hidráulica, composta por grandes maços de madeira, utilizada para bater panos. Seria uma espécie de moinho de água.

<sup>3</sup> Neste estudo, para realizar a análise das formas de tratamento usadas por Don Quixote e Sancho Pança, grifamos as ocorrências de formas pronominais e nominais presentes no texto de Cervantes

- i) *Viendo, pues, don Quijote que Sancho hacía burla dél, se corrió y enojó en tanta manera, que alzó el lanzón y le asentó dos palos, tales, que si como los recibió en las espaldas los recibiera en la cabeza, quedara libre de pagarle el salario, si no fuera a sus herederos. Viendo Sancho que sacaba tan malas veras de sus burlas, con temor de que su amo no pasase adelante en ellas, con mucha humildad le dijo:*

*Sancho Panza* —*Sosíéguese vuestra merced, que por Dios que me burlo.*

*Don Quijote* —*Pues porque os burláis, no me burlo yo—respondió don Quijote—. Venid acá, señor alegre: ¿parceos a vos que si como estos fueron mazos de batán fueran otra peligrosa aventura, no había yo mostrado el ánimo que convenía para emprendella y acaballa? ¿Estoy yo obligado a dicha, siendo como soy caballero, a conocer y distinguir los sones y saber cuáles son de batán o no? Y más, que podría ser, como es verdad, que no los he visto en mi vida, como vos los habréis visto, como villano ruin que sois, criado y nacido entre ellos. Si no, haced vos que estos seis mazos se vuelvan en seis jayanes, y echádmelos a las barbas uno a uno, o todos juntos, y cuando yo no diere con todos patas arriba, haced de mí la burla que quisiéredes.*

(*Quijote*, Parte 1, Cap. XX, 5/5)

Conforme é possível observar no diálogo acima,<sup>4</sup> Dom Quixote substitui o *tuteo* tradicional do convívio cotidiano e se dirige a Sancho com a forma *vos*. Vale lembrar que a relação dos personagens ao longo da obra é assimétrica, respeitando a hierarquia social tanto do mundo real (hidalgo X camponês) como do mundo imaginário *Quijotesco* (cavaleiro andante X escudeiro). As formas de tratamento costumam respeitar essa ordem social e como resultado vemos frequentemente Dom Quixote tratar Sancho de *tú* e receber do subordinado a fórmula cortês *vuestra merced*. Neste estudo, no entanto, buscamos mostrar quais aspectos da situação comunicativa podem se sobrepor a hierarquia dos interlocutores e influenciar no uso dos tratamentos. No capítulo XX, as brincadeiras de Sancho desafiam as normas sociais do Século de Ouro, uma vez que não era esperado que criados caçoem de seus amos imitando seu falar, por exemplo. Essa ruptura da cortesia padrão por parte do escudeiro fez o cavaleiro revidar agredindo-o física e verbalmente. Bertolotti e Coll (2005) afirmam que a agressão verbal de Dom Quixote fica expressa na utilização de recursos linguísticos que reafirmem direta e indiretamente a condição social inferior de Sancho. O protagonista buscar relembrar o companheiro de sua posição social diretamente, rotulando-o de “*villano ruin [...] criado y nacido*” e indiretamente, por meio do tratamento com a forma *vos*.

Ao longo do Século de Ouro, conforme mencionado anteriormente, muitos linguistas e filólogos tem apontado o enfraquecimento da semântica respeitosa do *vos*. O *voseo* “extra-estamental”, apontado por Páez (1981), vinha ganhando espaço no século XVII, época em que Cervantes publica a primeira parte do *Quijote*. O uso mais comum desse fenômeno, segundo a autora, se deu de forma descendente, quando um superior usa o *vos* para se dirigir a um inferior com valor de distanciamento. Essa prática é observada na fala de Dom Quixote ao repreender Sancho em i), uma vez que o *vos* do cavaleiro andante tem a função de ressaltar que ambos os personagens da novela pertencem a mundos distintos, conforme atestam Bertolotti e Coll (2005). O uso do *voseo* para demarcar a posição hierárquica inferior de Sancho também pode ser visto no Capítulo XXX da primeira parte do *Quijote*.

<sup>4</sup> Para este trabalho utilizamos a edição do Instituto Cervantes, dirigida por Francisco Rico. Madrid: Centro Virtual Cervantes, 1997-2025.

## 5.2 O voseo de Dom Quixote a Sancho no Capítulo XXX da primeira parte do *Quijote*: A aparição da princesa Micomicona

No Capítulo XXX da primeira parte do *Quijote*, Dorotea, disfarçada de princesa Micomicona, tenta convencer Dom Quixote de ser o cavaleiro andante destinado a ajudá-la a recuperar seu reino *Micomición*, que fora usurpado por um gigante. A impostora também garante que, ao concluir a missão profética, oferecera sua mão em casamento ao cavaleiro, bem como o domínio de suas terras. A real intenção por traz desse convite cavalheiresco era ajudar Sancho, O Cura e O Barbeiro a conduzir o cavaleiro da triste figura de volta a sua aldeia. Os planos, no entanto, não saem como o esperado, uma vez que Dom Quixote se recusa a oferecer lealdade, e sua mão, a qualquer princesa que não fosse sua preciosa e única Dulcineia. Ao ver Sancho sugerir que sua senhora poderia ser substituída pela princesa Micomicona, o cavaleiro golpeia-o furioso, enquanto agride-o verbalmente com ofensas diretas (*villano ruin; bellaco descomulgado; gañán; faquín; belitre; socarrón de lengua viperina e hideputa bellaco*) e indiretas, por meio do uso do *voseo*. A insatisfação de Dom Quixote com o comportamento indecoroso de seu escudeiro fez com que adotasse *vos* momentaneamente, no lugar do *tú*, que indica carinho e é a forma prototípica usada com criados (García Gallarín, 2002; Cash, 2008).

- ii) *Don Quijote, que tales blasfemias oyó decir contra su señora Dulcinea, no lo pudo sufrir, y, alzando el lanzón, sin hablalle palabra a Sancho y sin decirle esta boca es mía, le dio tales dos palos, que dio con él en tierra; y si no fuera porque Dorotea le dio voces que no le diera más, sin duda le quitara allí la vida.*

*Don Quijote* —¿Pensáis —le dijo a cabo de rato—, villano ruin, que ha de haber lugar siempre para ponerme la mano en la horcajadura y que todo ha de ser errar vos y perdonaros yo? Pues no lo pensáis, bellaco descomulgado, que sin duda lo estás, pues has puesto lengua en la sin par Dulcinea. Y ¿no sabéis vos, gañán, faquín, belitre, que si no fuese por el valor que ella infunde en mi brazo, que no le tendría yo para matar una pulga? Decid, socarrón de lengua viperina, ¿y quién pensáis que ha ganado este reino y cortado la cabeza a este gigante y héchoos a vos marqués, que todo esto doy ya por hecho y por cosa pasada en cosa juzgada, si no es el valor de Dulcinea, tomando a mi brazo por instrumento de sus hazañas? Ella pelea en mí y vence en mí, y yo vivo y respiro en ella, y tengo vida y ser, ¡Oh hideputa bellaco, y cómo sois desagradecido, que os veis levantado del polvo de la tierra a ser señor de título y correspondéis a tan buena obra con decir mal de quien os la hizo!

(*Quijote*, Parte 1, Cap. XXX, 3/4)

Conforme podemos observar em ii), Dom Quixote se ofende ao ver Sancho cogitar que a princesa Micomicona fosse mais digna de lealdade que Dulcineia. Em determinado momento, antes da fúria do cavaleiro, o escudeiro chega a verbalizar que a senhora do amo não é mais bonita, nem chaga aos pés da princesa impostora. Essas falas descorteses contra Dulcineia atingem diretamente a imagem de Dom Quixote, que preza religiosamente pelos valores da cavalaria andante. A dama de um cavaleiro é responsável por seu próprio ser cavalheiresco e é o principal fio condutor de suas ações, de sua honra. Dessa forma, para Dom Quixote, as duras palavras de Sancho contra Dulcineia soam como uma ameaça a sua devoção a cavalaria e a seus feitos conquistados enquanto cavaleiro andante. Em resposta aos comentários descabidos do escudeiro, Dom Quixote usa o *vos*. Para Bertolotti e Coll (2005) a escolha de tratamento do protagonista não necessariamente indica raiva, mas sim sua neces-

sidade de marcar a posição inferior de Sancho. Segundo as autoras, o lavrador, ao questionar a devoção de seu amo, se mostrava inferior não apenas em nível social, mas também por não conseguir compreender o mundo cavaleiresco, uma vez que é incapaz de reconhecer as qualidades de Dulcineia e sua importância na condução do heroísmo de Dom Quixote. Em função dessas observações, o *voseo* mostrado em ii) pode ser classificado como “extra-estamental”, segundo os preceitos de Páez (1981). Esse uso do *vos* se assemelha ao observado em i), no capítulo XX, na aventura dos *batanes*, tendo em vista sua função, em ambos os casos, de designar Sancho na posição de camponês. O mesmo *voseo* observado em i), no episódio dos *batanes* e em ii), na aventura da princesa Micomicona, pode ser observado no Capítulo XXVIII da segunda parte do *Quijote*.

### 5.3 O *voseo* de Dom Quixote a Sancho no Capítulo XXVIII da segunda parte do *Quijote*: os desdobramentos da aventura dos zurrros/relinchos

No início do Capítulo XXVIII da segunda parte do *Quijote* vemos os desdobramentos da emblemática aventura dos zurrros/relinchos,<sup>5</sup> que tem início nos capítulos anteriores. Na ocasião, Dom Quixote e Sancho encontram um exército que, levando estandartes e tambores, marcha em direção ao povo vizinho, buscando desafiar seus rivais. O centro do conflito, que eleva os ânimos da tropa, é o ímpeto de revidar as brincadeiras que o povoado vizinho faz dos moradores de um vilarejo próximo, cujo principal talento, um tanto que peculiar, consiste em fazer imitações precisas do zurrar característico dos burros. Após uma tentativa falha de Dom Quixote apaziguar o conflito do exército de zurradores, Sancho, em um ato de apoio a seu mestre, decide zurrar, imitando os aldeões exaltados. A interpretação do escudeiro, no entanto, não sai como esperado e resulta em uma briga. No Capítulo XXVIII, após o incidente, o cavaleiro andante reprova a conduta de seu escudeiro e o priva do trato *tú*, habitual (García Gallarín, 2002).

- iii) *Don Quijote*: — ¡Tan enhoramala supistes vos rebuznar, Sancho! ¿Y dónde hallastes vos ser bueno el nombrar la sogá en casa del ahorcado? A música de rebuznos, ¿qué contrapunto se había de llevar sino de varapalos? Y dad gracias a Dios, Sancho, que ya que os santiguaron con un palo, no os hicieron el per signum crucis con un alfanje.

(*Quijote*, Parte 2, Cap. XXVIII, 1/2)

Em iii), Dom Quixote faz uso do *vos* ao reprovar a conduta de Sancho, que considera precipitada (García Gallarín, 2002). O *voseo* observado nessa interação se assemelha aos casos dos *batanes*, em i), e da desventura envolvendo a princesa Micomicona, em ii). Trata-se de um uso “extra-estamental” do pronome, uma vez que o protagonista busca ressaltar, por meio do discurso, que seu companheiro de aventuras ocupa uma posição hierarquicamente inferior na interação.

Em sequência, veremos casos de *voseo* na primeira e segunda parte do *Quijote* que diferem do uso visto anteriormente no episódio dos *batanes*, da princesa Micomicona e dos zurrros.

<sup>5</sup> Na edição consultada, em espanhol, este incidente é conhecido como “la aventura del rebuzno”.

## 6 O voseo “intra-estamental”

Na sequência, serão resgatadas duas ocorrências do voseo “intra-estamental”, verificadas nos capítulos X e LXIII, da primeira e segunda parte do livro. O domínio intra-estamental, segundo Páez (1981), representa as relações entre pares, detentoras de um desejo de proximidade.

### 6.1 O pedido de Sancho a Dom Quixote por uma ilha para governar, no Capítulo X da primeira parte do *Quijote*: entre a cortesia e a retomada de valores cavaleirescos

A próxima interação, retirada do Capítulo X da primeira parte do *Quijote*, foi observada por St. Clair Sloan (1922) e discutida, posteriormente, por Bertolotti e Coll (2005). No diálogo em questão, vemos Sancho, após ser maltratado pelos moços dos frades, se levantar e pedir cortesmente a Dom Quixote o governo da ilha que lhe prometera entregar fruto das batalhas da cavalaria andante. Para realizar o tão desejado pedido, o escudeiro se ajoelha ante seu amo e ajudando-o a montar em Rocinante, beija sua mão, culminando na cena em sequência.

iv) *Ya en este tiempo se había levantado Sancho Panza, algo maltratado de los mozos de los frailes, y había estado atento a la batalla de su señor don Quijote, y rogaba a Dios en su corazón fuese servido de darle vitoria y que en ella ganase alguna ínsula de donde le hiciese gobernador, como se lo había prometido. Viendo, pues, ya acabada la pendencia y que su amo volvía a subir sobre Rocinante, llegó a tenerle el estribo y, antes que subiese, se hincó de rodillas delante dél y, asiéndole de la mano, se la besó y le dijo:*

*Sancho Panza — Sea vuestra merced servido, señor don Quijote mío, de darme el gobierno de la ínsula que en esta rigurosa pendencia se ha ganado, que, por grande que sea, yo me siento con fuerzas de saberla gobernar tal y tan bien como otro que haya gobernado ínsulas en el mundo.*

*A lo cual respondió don Quijote:*

*Don Quijote — Advertid, hermano Sancho, que esta aventura y las a esta semejantes no son aventuras de ínsulas, sino de encrucijadas, en las cuales no se gana otra cosa que sacar rota la cabeza, o una oreja menos. Tened paciencia, que aventuras se ofrecerán donde no solamente os pueda hacer gobernador, sino más adelante.*

*(Quijote, Parte 1, Cap. X, 1/2)*

Ao receber o educado pedido de Sancho, acompanhado do habitual *vuestra merced* respeitoso, característico de relações assimétricas ascendentes, entre subordinado e superior, Dom Quixote, em iv), devolve ao escudeiro a forma *vos*. O comportamento do protagonista ao responder ao amigo parece externar um sentimento de cortesia, segundo afirmam Bertolotti e Coll (2005). Para as autoras, a necessidade de evitar atritos ao negar o pedido de Sancho fez o cavaleiro adotar estratégias de cortesia, representadas pelo uso do trato nominal *hermano Sancho*, bem como do voseo, tanto pronominal (*os*) como verbal (*Advertid; Tened*). Esse uso do *vos*, diferentemente do observado no capítulo dos *batanes*, é “intra-estamental”, uma vez que atua como um recurso para aproximar Sancho ao mundo dos cavaleiros andantes. Bertolotti e Coll (2005) salientam que, nesse contexto, o voseo teria a função de elevar o escudeiro

a categoria de “irmão”, diferentemente das ocorrências em i), ii) e iii), em que Dom Quixote deseja realçar a Sancho suas diferenças de classe.

O *voseo* “intra-estamental”, usado nas relações entre pares, é encontrado com frequência em textos do século XVI e vai entrando em desuso no século XVII (Páez, 1981). Vários autores atestam para um possível caráter arcaizante que o uso desse *vos* pode ter assumido na fala de Dom Quixote, tendo em conta a mentalidade do mesmo, contaminada pelas histórias da cavalaria andante (St. Clair Sloan, 1922; Rosenblat, 1978; Del Barrio, 1997 *apud* Bertolotti e Coll, 2005). Segundo esses autores, o *voseo* do protagonista pode fazer parte dos recursos linguísticos utilizados pelo personagem para emular a linguagem cavalheiresca. Bertolotti e Coll (2005) recordam que Dom Quixote *vosea* as pessoas comuns que acredita serem cavaleiros, damas, donos de castelos etc. O tratamento *vosenate*, nessas interações, remetia ao *vos* “intra-estamental” característico do século XVI, que era adotado para marcar relações de respeito dentro de um mesmo grupo social.

No caso do *voseo* observado em iv), no entanto, Bertolotti e Coll (2005) defendem a tese de que sua função cortês supera o possível sentido arcaizante que a forma poderia estar assumindo no texto de Cervantes. As autoras apontam que o uso do *vos* por Dom Quixote, apesar de amistoso, coloca o protagonista em posição de superioridade em respeito a Sancho. Ao longo da obra, sempre existiu uma relação hierárquica entre os personagens, conforme vem sendo discutido no decorrer deste estudo. No caso de iv), o superior não ordena, mas sim explica, promete (Bertolotti e Coll, 2005). Esse uso de *vos*, apesar de estar em desuso no século XVII, ainda podia ser assimilado com o significado que detinha em um estado de língua anterior, nas palavras de Bertolotti e Coll (2005). Para as autoras, esse *voseo*, mais antigo, com ar cavalheiresco, não se esgotava em seu sentido arcaizante, uma vez que ainda podia ser interpretado pelos falantes da época com sua principal função cortês.

Seria pertinente destacar que Sancho, como inferior na escala hierárquica, não detinha da mesma liberdade de Dom Quixote ao escolher as formas de tratamento. Bertolotti e Coll (2005) apontam que, na cena que sucede iv), o escudeiro tenta responder o amo usando o *vos*, mas é retribuído com o *tuteo* habitual e se vê obrigado a retomar o *vuestra merced* assimétrico ao se dirigir ao superior, conforme vemos na sequência.

- v) *Agradecióselo mucho Sancho y, besándole otra vez la mano y la falda de la loriga, le ayudó a subir sobre Rocinante, y él subió sobre su asno y comenzó a seguir a su señor, [...] Seguía le Sancho a todo el trote de su jumento, pero caminaba tanto Rocinante, que, viéndose quedar atrás, le fue forzoso dar voces a su amo que se aguardase. Hízolo así don Quijote, teniendo las riendas a Rocinante hasta que llegase su cansado escudero, el cual, en llegando, le dijo:*

Sancho Panza — *Paréceme, señor, que sería acertado irnos a retraer a alguna iglesia, que, según quedó maltrecho aquel con quien os combatistes, no será mucho que den noticia del caso a la Santa Hermandad y nos prendan; y a fe que si lo hacen, que primero que salgamos de la cárcel, que nos ha de sudar el hopo.*

Don Quijote — *Calla — dijo don Quijote —, ¿y dónde has visto tú o leído jamás que caballero andante haya sido puesto ante la justicia, por más homicidios que hubiese cometido?*

(Quijote, Parte 1, Cap. X, 1/2)

Em v), é possível observar que, apesar de Sancho tentar *vosear* a seu amo, sua posição social inferior o impede de conduzir o uso dos tratamentos na conversa. Os indivíduos em posição de poder, acima hierarquicamente que seus interlocutores, detêm o controle sobre os usos das formas de tratamento (Brown e Gilman, 2003 [1960]; Bertolotti e Coll, 2005). Nesse sentido, Dom Quixote pode escolher os momentos em que deseja *tutear* ou *vosear* com o escudeiro, a título de exemplo. Sancho, por sua vez, encontra-se sempre adaptando-se as escolhas de tratamento de seu amo.

## 6.2 O pedido de Don Quijote a Sancho para que o ajude a desencantar Dulcineia, no Capítulo LXIII da segunda parte do *Quijote*: um *voseo* em contexto de petição

Na segunda parte do *Quijote* é possível vislumbrar uma ocorrência em que o cavaleiro andante usa o *vos* ao pedir encarecidamente a Sancho que o ajude a desencantar Dulcineia. Ao longo do segundo volume da obra de Cervantes, o encantamento de Dulcineia ocupa boa parte da narrativa. No Capítulo X, o escudeiro de Dom Quixote, ao ser recrutado por seu amo para encontrar a adorável donzela em *El Toboso*, necessita recorrer ao mundo inventivo da cavalaria andante para evitar revelar que a princesa idealizada pelo cavaleiro não passava de uma camponesa. Ao encontrar três lavradoras montadas em burros, decide afirmar a Dom Quixote que uma delas é Dulcineia e que a dama é vista na forma de camponesa rústica por estar sob o encantamento de feiticeiros. No decorrer da obra, é mencionado que Sancho deverá ser açoitado para “desencantar” a dama de *El Toboso*. No Capítulo LXIII vemos Dom Quixote implorar pelo sacrifício de seu companheiro.

- vi) *Don Quijote* — ¡Ah, Sancho amigo, y con qué brevedad y cuán a poca costa os podíades vos, si quisíades, desnudar de medio cuerpo arriba, y ponerlos entre estos señores y acabar con el desencanto de Dulcinea! Pues con la miseria y pena de tantos no sentiríades vos mucho la vuestra, y más, que podría ser que el sabio Merlín tomase en cuenta cada azote de los, por ser dados de buena mano, por diez de los que vos finalmente os habéis de dar.
- (*Quijote*, Parte 2, Cap. LXIII, 1/3)

Em vi), o cavaleiro andante substitui o *tú* tradicional e se dirige a Sancho com o *vos*. Este uso se assemelha ao observado em iv), no Capítulo X da primeira parte do *Quijote*. Em ambos os casos se documenta um *voseo* “intra-estamental” respeitoso, empregado como estratégia de cortesia, juntamente com formas nominais que indicam proximidade, como *Sancho amigo*. Em contraste com o *vos* “extra-estamental” visto nas ocorrências i), ii) e iii), que realça a diferença de classe social dos personagens, o *voseo* verificado em iv) e vi) tem a finalidade de aproximar, ainda que brevemente, Sancho de seu mundo cavalheiresco. Neste sentido, a escolha por parte de Dom Quixote, em vi), busca atenuar o ato de petição, que ameaça a “imagem negativa” do escudeiro, segundo os postulados de Brown e Levinson (1987). Seria pertinente recordar que o pedido do cavaleiro ameaça a integridade física do companheiro, uma vez que implora para que o escudeiro aceite ser açoitado para “desencantar” Dulcineia. O *voseo*, desta forma, atua como recurso linguístico para tentar persuadir Sancho a se sacrificar pelo bem da cavalaria andante.

## 7 Considerações finais

Com este estudo, foi possível ter uma amostra da influência que as situações comunicativas podem desempenhar sobre o uso das formas de tratamento. Vimos que, ao longo da primeira e segunda parte do *Quijote*, Cervantes enriquece a caracterização de seus protagonistas fazendo uso de recursos linguísticos, entre eles as formas de tratamento. A relação hierárquica entre Dom Quixote e Sancho é caracterizada pelo uso assimétrico dos tratamentos. Nesse sentido, é comum ver o cavaleiro andante tutear ao escudeiro e receber em troca o respeitoso *vuestra merced*. Existem casos, no entanto, que fogem desse uso tradicional, e vem chamando a atenção de múltiplos teóricos (St. Clair Sloan, 1922; García Gallarín, 2002; Bertolotti e Coll, 2005 e Cash, 2008). Neste trabalho tratamos de analisar algumas dessas ocorrências, em que o protagonista substitui o *tuteo* tradicional ao se dirigir a Sancho pelo *voseo*. Foram discutidos cinco desses episódios, extraídos dos dois volumes do *Quijote*, em que vimos duas motivações diferentes para a troca do *tú* pelo *vos*.

Nos capítulos XX e XXX da primeira parte e XXVIII do segundo volume, que contam as histórias dos *batanes*, da aparição da impostora princesa Micomicona e da aventura dos zurras, respectivamente, Dom Quixote recorre ao *voseo* para marcar a posição social inferior de Sancho, distante das honrarias da cavalaria andante. Nessas ocasiões, o uso do pronome pode ser classificado como “extra-estamental”, segundo os preceitos de Páez (1981), uma vez que é empregado para reforçar a assimetria das relações. Seria importante lembrar que essa dimensão era acionada com frequência no século XVII, principalmente nas relações entre superiores e inferiores (Páez, 1981).

Nos capítulos X, da primeira parte e LXIII do segundo livro, por outro lado, observamos situações de petição que implicam um uso diferente do *voseo* visto anteriormente. No capítulo X, em que Sancho pede a Dom Quixote o governo da ilha e no capítulo LXIII, em que o cavaleiro implora para que seu escudeiro aceite “desencantar” Dulcineia foi verificado que o uso do *voseo* por parte do superior parece indicar cortesia e proximidade. Segundo Bertolotti e Coll (2005), a escolha do cavaleiro por modalidades *voseantes* nesses contextos configuraria uma estratégia linguística cortês para evitar atritos. Esse recurso é utilizado por Dom Quixote tanto ao negar o pedido de Sancho como ao efetuar um pedido, um tanto indecoroso, ao escudeiro. Tendo em conta que o uso do pronome remetia ao *vos* “intra-estamental” característico do século XVI, que era adotado para marcar relações de respeito dentro de um mesmo grupo social, foi discutido sobre o possível caráter arcaizante que o tratamento pode ter assumido no texto de Cervantes. Muitos autores debatem sobre como os anseios de Dom Quixote de se aproximar a vida de cavaleiro influenciam em sua linguagem (St. Clair Sloan, 1922; Rosenblat, 1978; Del Barrio, 1997 *apud* Bertolotti e Coll, 2005). O *voseo* do protagonista, para esses pesquisadores, poderia fazer parte dos recursos linguísticos utilizados pelo personagem para emular a linguagem cavalheiresca. Bertolotti e Coll (2005), no entanto, descartam essa tese. Para as autoras, esse uso de *vos*, apesar de estar em desuso no século XVII, ainda podia ser interpretado pelos falantes da época com sua principal função cortês.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio (bolsa de doutorado) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## Referências

BERTOLOTTI, Virginia; COLL, Magdalena. ¿Pensáis, villano ruin, (...) que todo ha de ser errar vos y perdonaros yo?": el tratamiento voseante de don *Quijote* a sancho panza. *Ámbitos: Revista de estudios de ciencias sociales y humanidades*, [s. l.], n. 13, p. 35-41, 2005.

BIDERMAN, Maria T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, v. 18/19, p. 339-362, 1972 - 1973.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.) *Sociolinguistics: The Essential Readings*. United Kingdom: Blackwell, p. 156-176, 2003 [1960].

BYGREN, Therese. Tú, vos o vuestra merced: un estudio comparativo de las formas pronominales de tratamiento en el siglo de oro. *Uppsala University Library*, [s. l.], p. 1-22, dez. 2014.

CASH, Annette. G. Formas de tratamento em "Don *Quijote*". In: BRAVO, Alexia Dotras (org.). *Tus obras los rincones de la tierra descubren: Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, p. 225-232, 2008.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Ed. Francisco Rico. Madrid: Real Academia Española, 2004. Disponível em: [cvc.cervantes.es/literatura/clasicos/quijote/edicion/default.htm](http://cvc.cervantes.es/literatura/clasicos/quijote/edicion/default.htm). Acesso em: 05 maio. 2025.

CISNEROS ESTUPIÑÁN, Mireya. "Aspectos histórico-pragmáticos del voseo". *Thesaurus: Boletín del Instituto Caro y Cuervo* 51(1), 27-43, 1996.

CLOSE, Anthony. La construcción de los personajes de Don *Quijote* y Sancho. *Cervantes y el Quijote: Actas Coloquio internacional*, Oviedo, p. 39-53, 2004.

FARACO, Carlos. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, v. 3, n. 2, p. 114-132, julho/dezembro, 2017 [1996]. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GARCÍA GALLARÍN, Consuelo. Fórmulas de tratamiento en el *Quijote*. *Actas del V Congreso Internacional de Historia de La Lengua*, Madrid: Editorial Gredos, v. 1, p. 633-645, 2002.

HALL, Robert A. *Proto-Romance Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

KING, Jeremy. Cerimonia y cortesía en la literatura del siglo de oro: Un estudio de las formas de tratamiento en español. In: HUMMEL, Martin; KLUGE, Bettina; LASLOP, María Eugenia V. (eds.). *Formas y Fórmulas de Tratamiento en el Mundo Hispánico*, México: El Colegio de México/Karl-franzens Universität, p. 531-550, 2010a.

KING, Jeremy. The Role of Power and Solidarity in Politeness Theory: The Case of Golden Age Spanish. In: CULPEPER, Jonathan; KÁDÁR, Daniel (eds.). *Historical (Im)politeness*. Berlin: Peter Lang, p. 231-264, 2010b.

LAPESA, Rafael Melgar. *Personas gramaticales y tratamientos en español*. En Estudios de morfosintaxis histórica del español, eds. Rafael Cano y María Teresa Echenique, II, 311-345. Madrid: Gredos, 2000 [1970].

LAPESA, Rafael Melgar. *Historia de la lengua española*. 9. ed. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1981.

MALDONADO, Silvia. D. "Las fórmulas de tratamiento en Don *Quijote* de la Mancha". In: Elena María ROJAS (ed.) *Actas del VIII Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, p. 220-224. Universidad Nacional de Tucumán: Tucumán, 1999.

MEDINA MORALES, Francisca. Las formas nominales de tratamiento en el Siglo de Oro: Aproximación sociolingüística. *Memoria de La Palabra: Actas del VI Congreso de la Asociación Internacional Siglo de Oro*, Burgas, La Rioja, España, v. 2, n. 1, p.1329-1341, 2002.

PÁEZ, Iraset. U. *Historia y geografía hispanoamericana del voseo*. La Casa de Bello: Caracas, 1981.

PÉREZ-SALAZAR, Carmela. Sociolingüística del poder en el Siglo de Oro: de reverencias, altezas, mercedes, señorías y otras formas de tratamiento en el teatro de Calderón de la Barca. *Hipogrifo*, Madrid, v. 1, p. 97-119, 2018.

ROSENBLAT, Ángel. *La lengua del Quijote*, Madrid, Gredos. Biblioteca Románica Hispánica, 1978.

ST. CLAIR SLOAN, Arthur. The pronouns of address in *Don Quijote*, *Romanic Review*, v. 13, p. 65-76. 1922.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Cervantes: Dom Quixote e Sancho Pança - fragmentos de uma aprendizagem deleitosa. *Literatura e Sociedade*, [S.L.], v. 23, n. 28, p. 10-26, 6 dez. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.voi28p10-26>.